



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GUILHERME BARDEMAKER BERNARDI

(depoimento)

2011

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-224

Entrevistado: Guilherme Bardemaker Bernardi

Nascimento: 19/05/1985

Local da entrevista: ESEF

Entrevistador/a: Carlos Frederico Fazenda Junior

Data da entrevista: setembro de 2011

Transcrição: Alan Wassum da Silva

Copidesque: Rangele Guimarães Viegas da Silva

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas:: Gravador digital

Páginas Digitadas: 19

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

BERNARDI, Guilherme Bardemaker. *Guilherme Bernardi (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011

Sumário

História da vida acadêmica do entrevistado; Sua participação nos movimentos estudantis da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Campanha “RU na ESEF Já” e a construção do Restaurante Universitário; A relação entre o Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach e o Diretório Central de Estudantes; A ocupação da Reitoria; As questões políticas e a mobilização dos estudantes.

Porto Alegre, 11 de outubro de 2011. Entrevista com Guilherme Bardemaker Bernardi, a cargo do pesquisador Carlos Alberto Perdomo Fazenda Junior, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.J. – Em 2006, qual era a tua relação com o movimento estudantil?

G.B. – No início de 2006, eu ainda não tinha nenhuma relação com o movimento estudantil, eu estava na lista de e-mails da gestão do DA¹ e recebi um e-mail dizendo que haveria o início das organizações para o EREEF², que seria realizado na ESEF/UFRGS³ naquele ano. A partir daquele e-mail, no verão, não sei se janeiro ou fevereiro, não me lembro exatamente em que mês foi, mas recebi o e-mail, estava sem nada para fazer em casa e pensei: “bom vou começar a participar, vou ver qual é que é”. Aí fui no dia dessa reunião de organização do encontro com o pessoal do Diretório, e foi engraçado que o pessoal achou estranho porque eu fui a única pessoa de toda a lista de estudantes da ESEF, que apareceu na ESEF pra participar da organização do encontro. Naquele ano eu comecei a participar da organização do EREEF, que acabou sendo ali no final de abril início de maio. Depois disso conseqüentemente eu acabei me envolvendo com o Diretório Acadêmico, comecei a participar mais efetivamente. Naquele ano mesmo eu acabei fazendo parte da gestão do Diretório até da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física. Foi mais ou menos isso, comecei sem ter participação nenhuma e acabei me envolvendo bastante nesse período.

C.J. – E como era a relação do diretório acadêmico de educação com o DCE na época, ali por 2005, 2006, e com os outros DA's e CA's⁴ da universidade?

G.B. – Eu me lembro que a relação era bem próxima, pelo contato que eu tinha inicial. O primeiro contato que eu tive com o pessoal do DCE daquela gestão, foi quando a gente começou a organizar a campanha do RU⁵, a campanha “RU na ESEF Já!”, que na campanha se estreitou a relação do Diretório Acadêmico com o DCE e,

¹ Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach

² Encontro Regional de Estudantes de Educação Física.

³ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Centros Acadêmicos

⁵ Restaurante Universitário

conseqüentemente, através dessa campanha com outros cursos, porque na verdade a campanha se centrou no RU da ESEF, mas existiam outras faltas de outros cursos que acabaram também sendo colocadas. Isso aproximou principalmente o pessoal do Jornalismo, da FABICO⁶, tinha um pessoal também da FACED⁷, alguns diretórios que tiveram aproximação com o pessoal do DA. Tanto que naquele ano mesmo a própria gestão do DA se articulou bastante para as eleições do DCE que, até então, não vinha sendo um foco muito grande. Naquele ano de 2006 pra 2007 o pessoal do Diretório Acadêmico da Educação Física participou de forma mais ativa da gestão do DCE.

C.J. – Antes da campanha, como que era a relação do DA com o DCE?

G.B. – Olha, como na verdade eu entrei em 2006, eu me lembro de uma única ação que teve de relação com o DCE que foram os jogos da UFRGS, que se eu não me engano, foram no final de 2005. Mas eu sei que tiveram os jogos da UFRGS que foi uma campanha organizada pelo DCE, mas que teve apoio da ESEF, inclusive foi na ESEF. Era uma discussão de esporte que a galera do DA já vinha fazendo, e acabou colocando essa pauta dentro do DCE e organizar como jogos da UFRGS, e não só como jogos da ESEF. Naquela época eu não tinha envolvimento nenhum, mas eu participei dos jogos, eu participei como estudante mesmo da graduação, e me lembro que tinha um pessoal do DCE e tinha um pessoal da ESEF do Diretório Acadêmico.

C.J. – E antes da campanha, o que tu sabias sobre RU na ESEF?

G.B. – Eu entrei em 2004, e quando eu entrei em 2004 tinha a gestão do DCE – Mãos à Obra – e eu me lembro que um dia, acho que até foi na aula de Introdução à Educação Física da professora Janice⁸, que foi o pessoal do DA falar. Na época não era um pessoal que se envolvia muito com as questões políticas do DA, e aí foi o pessoal do DCE e falou entre outras coisas, sobre a campanha do RU. Na época eles tinham uma campanha “Eu quero RU na ESEF!”. Só que eu me lembro, também, que naquele mesmo ano tinha a oposição a essa campanha. Na verdade era uma cobrança mais firme dessa gestão do DCE, porque eles só faziam adesivos e não partiam para uma ação mais concreta. Tem um jornal

⁶ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

⁷ Faculdade de Educação

⁸ Janice Zarpellon Mazo

do DA, se eu não me engano, um dos primeiros jornais do DA que fizeram uma foto, porque o pessoal dessa gestão Mãos à Obra colocou um pilar de concreto como se fosse a pedra inaugural do RU da ESEF que, na verdade, não passou daquilo. A ação do DCE para lutar pelo RU. E eu me lembro que o pessoal do DA fez uma foto que era todo mundo com uma bandeja com prato e talheres, na frente daquela pedra como se aquele fosse o RU da ESEF, tirando um sarro, mas fazendo uma cobrança política, porque aquele DCE não estava se organizando para de fato reivindicar de forma mais coesa, mais forte com a Reitoria a construção do RU. Depois disso, quando trocou o DCE naquele mesmo ano, teve essa primeira aproximação e aí depois só de fato em 2006 que a campanha tomou um crescimento maior, que foi a campanha que mudou o nome, não era mais “Eu quero RU na ESEF!” era “RU na ESEF já!”. Era mais enfática e que foi organizado com o DA da Educação Física e com o DCE.

C.J. – As duas campanhas eram distintas?

G.B. – Sim. Até então a campanha “Eu quero RU na ESEF” era uma campanha que, na verdade, era apenas uma distribuição de adesivos. Claro que existia uma fala, dizendo da questão da assistência estudantil mas - eu pelo menos não me lembro - de uma organização de fato do DCE daquela época para essa mobilização. Existia um discurso defendendo o RU, defendendo a assistência estudantil, mas até então não existia. E naquele ano mesmo em 2004 trocou a gestão do DCE, até então era essa gestão DCE - Mãos à Obra que era ligada ao PT⁹, e naquele ano foi que entrou a gestão que tinha pessoas ligadas ao PSOL¹⁰. Claro que em alguns contextos com outros grupos políticos até então tem se mantido a mesma base política nessas últimas gestões, tirando o ano que a direita ficou no DCE. Mas até então, em 2004 tinha isso, e aí em 2006 que de fato se organizou a campanha “RU na ESEF já!”.

C.J. – E como os estudantes da ESEF se alimentavam na ausência do RU?

G.B. – Quando eu entrei em 2004 tinha um bar ali na ESEF, que servia almoço, mas eram cinco ou seis reais. O pessoal ia muito aos bares ao redor da ESEF, um que era na 3ª

⁹ Partido dos Trabalhadores

¹⁰ Partido Socialismo e Liberdade

Perimetral¹¹, um que era na rua mesmo da ESEF só que um pouco mais distante, tinha a “Padoca” que fica um pouco mais distante também, que era mais lanche. O pessoal comprava um salgado ou alguma coisa assim, mas essas eram as alternativas. Depois saiu o bar da ESEF, ele ficou um tempo sem ter nenhum bar ali; aí trocou para outro bar que, na verdade era uma confeitaria, que aí sim os caras abusavam, era bem mais caro, tinha comanda pra entrar no bar. Então afastou, porque a galera tinha aquela coisa de ficar ali na rua jogando truco, tomando um refri, conversando durante as aulas. E quando esse bar veio - foi naquele período no final de 2005, 2006 - era muito caro, o salgado era até mais caro que o bar anterior e os almoços eram acima de dez reais se eu não me engano naquele novo bar. No antigo eram em torno de seis, sete reais, e tinha as opções fora da ESEF. Essas eram as alternativas que o pessoal encontrava.

C.J. – E antes da campanha em que situação se encontrava o movimento estudantil na ESEF e na UFRGS?

G.B. – Como eu entrei em 2004 eu lembro que o DA estava meio jogado às traças. Tinha um grupo que estava lá, mas era um grupo que não tinha participação, por exemplo, nos órgãos deliberativos da ESEF, ele não se organizava politicamente. Na verdade era um DA que fazia campeonatos de futebol [risos], fazia algumas festas, mas em relação à questão política ele não se envolvia muito. No final do daquele ano, em outubro ou novembro, teve a eleição, tiveram duas chapas e a chapa vencedora foi a chapa com a qual eu fui participar em 2006. Ou seja, eles ganharam aquela eleição em 2004, em 2005 eles se reelegeram. Em 2004 o nome da chapa era “ESEF em movimento”, porque eles entendiam que o Diretório estava parado e que era preciso colocar a ESEF em movimento. No segundo ano foi “Movimento consciente”, que foi a gestão que organizou a campanha “RU na ESEF já!”, que era a gestão 2005/2006. Essa gestão foi a que eu comecei a participar, que foi no início do ano de 2006 e que, claro, a gente via algumas diferenças, o pessoal já mobilizava mais, o pessoal se organizava pra ir aos encontros do movimento estudantil. Lembro-me que eu não pude ir, mas me lembro do pessoal se organizar pra ir ao EREEF de 2005 em Curitiba e do ENEEF¹² em Salvador. E no outro ano o pessoal conseguiu trazer o EREEF, e acho que foi quando o pessoal da ESEF começou a ter mais contato de fato com essa relação

¹¹ Avenida próxima a Escola de Educação Física

¹² Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física

com o movimento estudantil, porque muitos estudantes começaram a ser convidados e participar da organização do encontro, que discutia coisas relacionadas ao movimento estudantil. E a partir dali parecia estar bem mais consolidada a relação do movimento estudantil com o Diretório Acadêmico de fato, o Diretório Acadêmico ser um espaço de organização política dos estudantes. Nesse período em que eu entrei, mesmo quando eu não participava, eu já via que tinha uma diferença bem grande, que o pessoal se engajava, o pessoal se organizava pra várias ações, não só políticas, mas culturais, esportivas, e que dali, naquele ano de 2006 estava de fato se consolidando como um movimento mais amplo, que estava conseguindo realizar diversas atividades e ampliar bastante as discussões políticas naquele espaço.

C.J. – Onde que surge a necessidade da criação da campanha “RU na ESEF já!”?

G.B. – Surge primeiro pelo entendimento da universidade pública. Partindo desse debate é que a gente pode entender a necessidade do RU. Partindo do entendimento da universidade pública de garantir que os estudantes possam permanecer na universidade pública. Acho que o Restaurante Universitário está dentro de uma concepção de assistência estudantil para que esse estudante possa permanecer ali. Eu era um que, quando não tinha RU, eu preferia às vezes fazer alguma coisa em casa do que almoçar na rua, até porque se tu fores parar pra pensar, cinco reais por dia durante um mês são duzentos reais, em torno disso. Pra um aluno na época, isso há quatro, cinco anos atrás, a bolsa era duzentos reais, um pouco mais, duzentos e quarenta. A bolsa mais alta da ESEF naquela época era de duzentos e oitenta reais, se o estudante tivesse que usar quase toda essa grana para se manter ali na universidade seria difícil. Tinha muita gente que não pegava aula de manhã e à tarde porque não tinha isso, ou muita gente ia até o RU da Saúde, ou ia às vezes até para RU do Centro. Tinha muita gente, então, que fazia esse movimento de sair ali da ESEF e ir almoçar em algum outro lugar, algum outro restaurante universitário e voltar correndo pra aula. Eu acho que surge dessa necessidade, de manter o estudante ali na ESEF, de ter essa assistência estudantil e que até então muitos acreditavam que não poderia acontecer, que não teria demanda, que não era necessário. Surge, portanto, desse entendimento de universidade pública e que por isso tem que dar assistência para que o estudante possa se manter.

C.J. – E qual foi o primeiro passo tomado rumo à campanha?

G.B. – Lembro-me de uma reunião que teve, com o Vico¹³ do DCE, lá no Diretório da Educação Física (DAEFI). Naquela reunião ocorreu o primeiro contato que eu tive com alguém do DCE, eu já estava participando do Diretório, mas não tinha envolvimento com ninguém do DCE. E naquele mês, em julho ou agosto, que a gente começou a se organizar não só como um movimento da Educação Física mais sim, como movimento geral. Naquela reunião a gente começou a organizar a campanha, a gente entendeu que a campanha do RU seria um foco pro DCE, e eu lembro que muita gente do DCE falava que logo depois daquilo teria eleição do DCE, e o pessoal estava contando como certo a derrota daquela gestão. Porque muita gente via que eles não tinham conseguido ampliar o diálogo com os estudantes e não conseguiram fazer muitas ações, e por isso precisavam de uma campanha forte, de uma campanha que mostrasse as lutas realmente. E naquela reunião a gente organizou a campanha, depois teve outra reunião com o pessoal do DCE, na qual já fizemos uma arte da campanha, fizemos camisetas, fizemos até o logo da campanha em alusão ao Fome Zero¹⁴, aquele programa do governo Lula¹⁵. A partir dali a gente organizou um ato pra tocar a luta, mas a primeira organização foi com o pessoal do DCE, depois uma reunião mais ampliada com outros cursos pra ver quais seriam as pautas dessa intervenção que a gente iria fazer e claro, colocamos a campanha na rua. Fizemos cartazes, fizemos camisetas, começamos a fazer ato almoço na ESEF, fizemos pesquisas entre os estudantes pra desmistificar a idéia de que não haveria demanda na ESEF. Fizemos, então, diversos atos pra colocar a campanha na rua pra todo mundo ter essa visualização, para depois com o grande grupo fazer essa pressão com a Reitoria.

C.J. – Qual era a política que tinha por trás das camisetas que foram feitas? Porque fazer as camisetas da campanha?

G.B. – A camiseta da campanha era uma forma também de colocar a campanha em visualização. A gente usou bastante o DCE que bancou as camisetas, nós ajudamos também na época o diretório acadêmico a bancar. A gente vendia a camiseta por cinco reais, exatamente pra que todo mundo pudesse se identificar com aquela campanha. Era

¹³ Vicente Ribeiro

¹⁴ Programa implementado pelo Governo Federal

¹⁵ Presidente Luis Inácio Lula da Silva

“RU na ESEF já!” o nome da campanha, e a gente fez o máximo de camisetas, tentou fazer com que o máximo de pessoas pudessem visualizar a campanha, para realmente dar visibilidade à campanha e poder se identificar, ter uma imagem identificada com aquele processo todo que estava acontecendo. O mesmo logotipo da campanha que estava na camiseta era a que estava no cartaz e a gente tentou deixar aquela marca bem forte, para que todo mundo que visse entendesse qual era o sentido da campanha que estava acontecendo.

C.J. – Quando a campanha deixa o DAEFI e passa para a grande parcela dos estudantes?

G.B.- Bom, com eu te falei, estavam ocorrendo esses ato almoço na ESEF, estávamos primeiro unindo forças ali na ESEF mesmo. Até então vinha um pessoal do DCE que estava sempre nos apoiando, mas a concentração de forças estava focada na ESEF. Passando em salas de aula e falando da campanha, colando cartazes pela ESEF inteira, fazendo camisetas à preço de custo ou até menos do que isso pra que todo mundo pudesse usar, tentando dialogar com os estudantes porque da necessidade dessa campanha. A gente fazia reuniões ampliadas do Diretório Acadêmico para que os estudantes entendessem o porquê da campanha. E a campanha deixou de ficar só na ESEF quando a gente realizou um ato na Reitoria, que foi se não me engano, dia 13 de setembro de 2006. O foco daquele ato era o RU na ESEF, mas ali naquele momento também se uniram outras pautas, que na época acho que era falta de professores em alguns cursos, falta de infraestrutura no prédio das Artes, algumas situações que aconteceram no Direito também, enfim, ali se reuniu várias demandas, várias pautas específicas de alguns cursos, e que o DCE abraçou aquelas causas e aquelas pautas como sendo uma política necessária daquele momento. O ato teve cerca de trezentas a quatrocentas pessoas, foi um ato naquela época significativo, e que ali a gente conseguiu a primeira vitória, uma carta assinada pelo Reitor¹⁶ se comprometendo com a construção do RU. A gente fez um documento dizendo o porquê da necessidade do RU, o que a gente estava reivindicando e lutando por aquilo, e recebemos uma resposta do Reitor que nos atendeu e que, naquele momento, assinou se comprometendo com a construção do RU. Então, acho que aquele ato do dia 13 de setembro foi quando toda a UFRGS, toda a comunidade da UFRGS teve ciência do que era a campanha do RU. Aí começou a se espalhar pela universidade inteira, pessoas de outros cursos usando a

¹⁶ José Carlos Ferraz Hennemann, Reitor entre 2004 a 2008.

camiseta, a gente colou cartazes em outros lugares também, ali foi o início da campanha pra toda a universidade.

C.J. – Quantos estudantes a ESEF levou pra esse ato?

G.B. – Creio que foi um ônibus lotado, não tenho certeza, pois eu não estava na ESEF, fui direto de casa, mas no mínimo teve umas 50 pessoas da ESEF. Claro, se a gente for parar para pensar no universo de estudantes da ESEF foi pouco, mas também se comparado com o tamanho do ato em si, 50 pessoas no meio de 400 de um curso só, era uma demanda que era específica da Educação Física, mas era o início de um processo, acho que foi em torno de 50 pessoas da ESEF que estavam naquele ato.

C.J. – O que levou os estudantes da ESEF a aderirem à campanha?

G.B. – Acho que muitos estudantes começaram a entender a necessidade daquele movimento. Porque, na verdade, era uma coisa que estava na pele dos estudantes, muitos se identificavam porque sabiam que se tivesse um RU ali ficaria muito mais fácil para eles se manterem. Acho conseguimos de certa forma dialogar com os estudantes, claro que tinha gente que não concordava, achava que aquilo que fazíamos era besteira, mas teve muitos que, dialogando conosco conseguiram entender a necessidade de ter um restaurante ali, e não era só: quando íamos nos atos tinha bastante gente que não era dos diretórios. Gente que pegava os instrumentos e fazia barulho, estava sempre junto nas palavras de ordem fazendo pressão na Reitoria. Acho que foi isso, foi entender que era uma coisa realmente necessária, que era uma questão de assistência estudantil, que tinha relação com a universidade pública e por isso que aqueles estudantes estavam ali. Fizeram junto, fizeram parte do movimento e estavam ali “tocando a loucura junto”.

C.J. – Como a organização da campanha se dava na prática, pegando a relação Diretório Acadêmico, estudantes e campanha?

G.B. – A campanha estava primeiro centrada na ESEF, então, a gente fez isso: primeiro divulgou, colou na ESEF inteira cartazes, passava nas salas de aula, chamava para reunião ampliada com os estudantes, fazia adesivos e distribuía para os estudantes para divulgarem

a campanha. Depois disso a gente começou a fazer os atos almoço, que eram atos que geralmente a gente fazia um carreteiro numa panela grande durante aquele intervalo, que era o intervalo que o RU funcionava nos outros campus, então, a gente fazia mais ou menos das 11:30 às 13:15 horas e servia comida para o pessoal. A gente via que muita gente circulava naquele período. Nesses dias que a gente fazia o ato almoço, muita gente, às vezes até mais de 200 pessoas passavam ali se servindo e pegando a comida que a gente distribuía de graça, mas tentando fazer esse diálogo: “ó, a gente está vendo que tem muita gente aqui que se tivesse o RU, almoçaria aqui”. Acho que era o primeiro movimento do pessoal entender como é que se dava essa relação, essa foi a primeira relação com a campanha que começou a disseminar a idéia entre os estudantes. O pessoal foi aderindo à campanha, nas primeiras semanas já vendeu todas as camisetas, a gente teve que mandar fazer mais camisetas. A gente via direto o pessoal em outros lugares utilizando a camiseta. Depois, quando a campanha transcendeu os muros da ESEF, quando foi mais para UFRGS, a gente via o pessoal dos outros cursos e do DCE também, adesivos e cartazes em tudo que era lugar, ampliando a campanha pra outros lugares. Assim que foi se dando a relação com a campanha.

C.J. – E qual é o papel do Diretório Acadêmico nessa relação?

G.B.- O Diretório esteve presente sempre. Foi o Diretório que puxou a pauta dentro do DCE, porque até então se entendia que se a campanha ficasse só dentro do Diretório ela não teria a força necessária pra consolidar a campanha e fazer a campanha ser firme. Foi uma pauta que foi debatida dentro do DCE e que o DCE abraçou a causa. Então o Diretório esteve junto sempre na construção do material, na divulgação, nos atos. O Alemão, o Eduardo Perger¹⁷, que era a figura que tinha mais aproximação com o DCE, ele esteve sempre à frente desse processo e outros colegas também que estavam lá dentro. Tanto que naquele ano mesmo, após a campanha fizeram um movimento para que tivesse alguém da ESEF dentro da gestão do DCE, porque eles viram que o Diretório Acadêmico da Educação Física estava consolidado como um dos mais atuantes na UFRGS. Até hoje muita gente fala que o Diretório Acadêmico da Educação Física se consolidou politicamente, as pessoas respeitam, as pessoas sabem que o Diretório tem uma posição bem firme, que está sempre atuando, está sempre nos atos, está sempre nas campanhas. O

¹⁷ Eduardo Gottens Pergher

Diretório, então, teve uma atuação muito presente na campanha do RU na ESEF, além de ter organizado junto com o DCE, estava dentro de todos os espaços batalhando, estava nas reivindicações, estava nas reuniões com a Reitoria, sempre tinha alguém ou algum representante do DCE e um representante do Diretório Acadêmico da Educação Física nas reuniões com a Reitoria. Na verdade, em quase todos os espaços, sempre tinha alguém do Diretório ESEF que estava junto nessa campanha. Sempre junto porque era parte integrante, não era um coadjuvante frente ao DCE, era ator principal junto com o pessoal do DCE.

C.J. – E a relação Diretório Acadêmico e estudantes da ESEF, qual era o papel do Diretório?

G.B. – O papel do Diretório Acadêmico era mobilizar os estudantes da ESEF, divulgar a campanha ali e fazer essa mediação com o DCE também. Ao mesmo tempo em que fazia a mediação com o pessoal do DCE e com os outros cursos, sabia-se que era preciso ter essa relação, esse diálogo com o pessoal da ESEF, os estudantes. Nesse primeiro ato foram alguns estudantes, mas depois nos próximos atos já ia mais gente. A gente tentava sempre fazer esse diálogo com o pessoal que estava entrando, até para mostrar a necessidade da campanha. Então, o pessoal ia aderindo cada vez mais, a campanha foi crescendo. O papel do DA foi de organizar a campanha, tocar junto no movimento geral, ou seja, não só no movimento específico da Educação Física, mas de sempre manter a galera da ESEF mobilizada pra campanha. Porque na verdade, apesar dessa primeira vitória do compromisso do Reitor assinado, nada estava garantido. Não podia se perder naquele momento, tinha que sempre manter a campanha acesa, sempre fazendo mais camisetas, sempre colando adesivo, e aonde pudesse falar, falava da campanha. Esse era o movimento que o Diretório estava naquele processo.

C.J. – Tu citaste antes algumas ações da campanha como os atos almoço, o ato na Reitoria do dia 13, as camisetas, os cartazes que foram confeccionados. Como que tu enxergavas a reação da Reitoria frente a essas ações e as reivindicações dos estudantes?

G.B. – Olha, depois do primeiro ato, porque até então a Reitoria não tinha conhecimento. O pessoal da ESEF sabia que havia a necessidade de ter o RU, mas a Reitoria não fazia

nada até então para atender essa demanda dos estudantes. O pessoal, os professores da ESEF e o diretor na época, o Ricardo Petersen¹⁸, sabiam, porque a campanha estava escancarada e com isso começaram a tomar conhecimento da campanha. Após o ato, teve outros atos, teve outras manifestações e sempre que tinha esse movimento estava lá, a bandeira do “RU na ESEF já!”. O ato do dia 13 de setembro foi o início de uma era de atos, de vários processos que estavam sempre ali na porta da Reitoria. Onde o movimento podia estar ele sempre estava lá, seja com uma fala na luta pelo RU da ESEF, ou uma bandeira, um cartaz, um adesivo, uma camiseta. Sempre que tinha um espaço a campanha era colocada na rua, em qualquer movimento. Depois teve outros atos reivindicando: “bom, o Reitor tinha assinado, mas até então não tinha feito nada”. Dizia que tinha projeto mas o movimento não tinha muita resposta imediata da Reitoria. Tanto que em junho ou julho de 2007 teve a ocupação da Reitoria, que foi organizada exatamente por isso. Havia várias pautas da UFRGS e, apesar da Reitoria dizer: “A gente está sabendo, a gente está ciente de que vocês estão reclamando, estão lutando por isso” não fazia nada. E ali se juntou várias pautas, dentre elas o RU da ESEF, e se decidiu por ocupar a Reitoria. Foi uma ocupação organizada, e a gente sempre tentava fazer com que ninguém soubesse para não vazar a informação. Mas eu me lembro que, um dia antes da ocupação da Reitoria, estava eu e mais alguém no Diretório Acadêmico... Porque quando houve a ocupação da Reitoria eu já fazia parte da gestão do Diretório Acadêmico... Eu lembro que estava eu e mais alguém, o Shin¹⁹ se eu não me engano, e veio o Ricardo Petersen conversar com a gente: “A gente ficou sabendo que vocês vão ocupar a Reitoria, que história é essa?” E naquele dia ele nos mostrou uma planta do RU, uma pré-planta que eles tinham organizado: “A gente está fazendo o movimento possível aqui, acho que vocês poderiam ir com mais calma, quem sabe vocês não tentam rever a posição de vocês”. E ali nós falamos: “Não, já está decidido e é isso, a ocupação vai sair de qualquer jeito”. No outro dia a gente ocupou até conseguir uma definição mais precisa, mais objetiva, porque até então a Reitoria sinalizava com algumas coisas dizendo: “Tá, a gente vai analisar”, mas não firmava data, não firmava compromisso sério. A partir da ocupação de 2007 foi que houve planejamento da execução do RU, que houve limitação de datas. E mesmo assim foi uma coisa que acabou se estendendo, e tinha que estar sempre àquela pressão constante.

¹⁸ Ricardo Demétrio de Souza Petersen, diretor da ESEF nos anos 1992-1996, 2000-2004 e 2004-2008.

¹⁹ Shin Pinto Nishimura

C.J. – Tu falastes antes sobre os professores. Como que tu vias a participação dos professores na campanha e dos servidores também?

G.B. – Por parte dos professores eu me lembro de poucos. Lembro de alguns professores, quando a gente fez um abaixo assinado colado num cartaz, aí passavam os professores dizendo: “Eu apóio a campanha do RU”, e assim, alguns professores passavam e não assinavam, diziam: “Não vou assinar”. Diziam em aula que não adiantava lutar, diziam assim: “A demanda do RU da ESEF seria no máximo 50 almoços por dia e não valeria a pena fazer”; outros diziam que não havia necessidade. Sempre tinha alguns professores que apoiavam, mas acho que a participação dos servidores foi bem mais maciça. Muitos servidores usavam camiseta do RU. Sempre com o adesivo, não todos, mas dava para ver que os servidores, de certa forma, estavam mais engajados na luta do que os professores. Tinha professores que falavam deliberadamente que não concordavam, que não assinariam o manifesto sendo à favor.

C.J. – Por que eles não assinavam, algum deu alguma justificativa?

G.B. – Eu não me recordo de ter justificativa. É que sempre houve uma relação complicada do Diretório com os professores. Tinha professores, bom até hoje, os professores falam mal do Diretório em sala de aula. Eu me lembro de estar em sala de aula e ia alguém do Diretório para dar algum recado, o aluno do Diretório saía, fechava a porta e o professor esperava o aluno sair pra falar mal do Diretório. Isso era uma questão política, uma discussão que às vezes passava da questão política e entrava até num desrespeito dos professores, abusando da posição de autoridade que eles são, para falar mal para os outros estudantes. Isso era complicado, porque os estudantes deixavam de ouvir a gente que era do Diretório para ouvir o que os professores estavam falando e acabavam reproduzindo a fala dos professores dizendo que não fazia sentido a campanha, que não adiantava lutar porque nunca ia acontecer, porque era uma batalha que não tinha por quê. Era uma relação muito complicada, tinham algumas exceções, mas a grande parte dos professores não se envolveu nem um pouco com a campanha do RU na ESEF.

C.J. – Tinha algum movimento contrário à campanha, alguém que fazia campanha contrária a implementação e ampliação do RU na ESEF?

G.B. – Campanha mesmo não. O que tinha era uma disseminação de conversas de algumas pessoas dizendo que não tinha porque não era uma necessidade. Até no âmbito mais geral da UFRGS tinha uma discussão com outras pessoas, com outros grupos políticos principalmente os da direita, de dizer que era um gasto de dinheiro. Em relação a isso alguns colegas da UFRGS da direita que defendiam que não deveria ter RU, ou que o RU tinha que ser cinco ou seis reais. Mas uma campanha deliberada, nos moldes do que se entende por campanha, com cartazes na rua, com fala em espaços, com adesivos, com camisetas não existia uma campanha que fosse contra. Existia eram grupos de pessoas que entendiam que não era uma necessidade daquele momento o RU da ESEF.

C.J. – Voltando aos professores, teve algum professor que participou de algum ato?

G.B. – Teve o professor Mário Brauner²⁰ que inclusive ficou lá no dia da ocupação da Reitoria. Ele é o único professor que me lembro de falar em aula da campanha, de defender a campanha, de usar a camiseta, de colar adesivo. Era um professor que a gente sempre se apoiava, porque ele era um que dava espaço para estudantes falarem e isso é uma coisa muito importante, porque muitas vezes a gente se sentia acuado pelos outros professores, e às vezes, era um ponto de apoio que a gente podia ter. Por mais que ele não concordasse em tudo com a gente, o que é normal, mas ele era uma pessoa que nos apoiava e que estava do nosso lado nessa campanha do RU, isso foi a coisa mais importante. E quando a gente viu ele lá no dia da ocupação foi uma coisa muito boa, porque nós já estávamos sofrendo pressão de muita gente, muitos professores já estavam dizendo que nós éramos inconseqüentes por causa daquilo, que o que a gente estava fazendo era errado. E ver um professor ali nos apoiando, um professor que não precisa do RU, a gente sabe que teoricamente não precisa daquela assistência, mas se solidarizando com a luta dos estudantes foi uma coisa muito boa pra nós naquele momento, ver o apoio de um professor na campanha.

C.J. – Como que foram os atos do calendário nacional de luta de 2007?

²⁰ Mário Generosi Brauner.

G.B. – Eu não me recordo muito bem desse ponto. Eu não cheguei a me concentrar muito nas lutas mais nacionais, mas me lembro que o pessoal se organizou bastante pra ir à Brasília. Teve alguns colegas que acabaram entrando no Diretório em relação a esse calendário nacional. Lembro-me que tinha bastante a relação da pauta, ainda naquela época, com a questão da Reforma Universitária, que depois foi dividida e depois acabou entrando na questão do REUNI²¹, que teve a discussão em 2007 em relação ao REUNI e se não me engano, o calendário nacional de lutas ali naquele ano foi centrado nisso, mas eu não me recordo muito bem porque eu não cheguei a participar muito desses atos mais de caráter nacional.

C.J. – Os atos do dia 8 de março, pelo “Fora Bush”, e 17 de abril, junto com servidores da FAURGS²² e no dia 23 de maio aqui em Porto Alegre, como que foi a participação dos estudantes da ESEF nesses atos?

G.B. – Geralmente os atos estavam relacionados porque a gente sempre tentava fazer isso, sempre quando tivesse uma luta que fosse dos estudantes da UFRGS, a gente sempre tentava estar presente. Então, acho que nesses atos, por mais que a pauta maior fossem outras relações, a gente sempre tava lá com a bandeirinha do RU, sempre com a camiseta, sempre com o adesivo. Porque a gente entendia que, por mais que a pauta fossem outras questões, o calendário nacional de lutas ele atendia principalmente as questões da universidade pública ali na UFRGS. Todas as defesas que tinham em relação à universidade pública, e entendendo a assistência estudantil como um aspecto necessário pra manter a universidade pública. A luta do RU na ESEF já sempre se fazia presente nesses atos. E sempre tinha uma galera de fé que ia nesses atos da ESEF, sempre tentava dialogar, sempre tentava fazer essa mediação com os estudantes pra eles entenderem por que eles estavam indo num ato, por que era necessária a participação deles, por que era necessário ter gente que pudesse estar lutando com a gente por essas questões.

C.J. – Como foi a ocupação da Reitoria em 2007?

²¹ Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, programa do Governo Federal

²² Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

G.B. – A ocupação da Reitoria foi planejada algumas semanas antes dela, ou até um mês antes. A gente tentou organizar ela juntando várias pautas específicas e algumas de âmbito geral da UFRGS, pelo momento que estava passando a UFRGS, principalmente pela sinalização da Reitoria de algumas questões, mas pela total inércia deles em relação a colocar isso em prática. Ou seja, na época tinha a questão da ampliação do RU do Vale²³, tinha alguns casos de falta de professores na FABICO, o prédio das Artes que até hoje não sei como está a situação deles, mas na época o prédio ia completar 100 anos e estava caindo aos pedaços, estava encostado na parede do prédio do lado. Tinha a pauta do RU da ESEF e a relação da contratação de servidores. Enfim, foi a soma de várias coisas que a gente entendeu que naquele momento a única forma de conseguir fazer um diálogo com a Reitoria era ocupando. Naquela época a Reitoria da USP²⁴ estava ocupada também... Em relação à alguns decretos, que na época era o Serra²⁵ o Governador, então, ele estava ferindo a autonomia da USP em relação a alguns pontos... Os estudantes tinham ocupado a Reitoria há bastante tempo e estava repercutindo nacionalmente. E, naquele período, várias ocupações ocorreram no Brasil inteiro, além de em solidariedade aos colegas da USP em alguns pontos específicos que estavam interferindo nas suas universidades. Juntaram-se todos esses fatores e se entendeu que a ocupação era uma necessidade. A gente ocupou num dia de manhã, não me lembro exatamente qual foi o dia, mas a ocupação foi de manhã. Fizemos um ato com várias pessoas nós falamos: “Estamos aqui para ficar e vamos ficar aqui”. Aí deixamos as mochilas lá, levamos roupas, levamos barracas, o pessoal começou a fazer cartazes pra colar. Lembro-me que a gente conseguiu fazer com que o expediente se encerrasse mais cedo para tirar todo mundo da Reitoria, então, todos os servidores saíram, ficaram só os estudantes. E ali naquele momento a gente falou: “Bom, a gente só vai sair daqui quando a Reitoria sinalizar com algo mais concreto”. E naquele dia teve a ocupação, ficamos o dia inteiro, naquele mesmo dia teve uma reunião e no outro dia teve outra, juntamente com duas assembléias, sendo uma dessas assembléias para deliberar como se daria a ocupação: questão de organização, quem ia fazer as comidas, quem ia fazer a limpeza para tentar manter o espaço público em ordem, quem ia ficar com a segurança do local. Fechamos a Reitoria, colocamos faixas em volta dela e estabelecemos algumas regras, até porque, a gente sabia que aquele momento era um momento bem delicado e que não era um momento de fazer farras ou querer

²³ Referência ao Campus do Vale

²⁴ Universidade de São Paulo

²⁵ José Serra, Governador de São Paulo no período de 01 de janeiro de 2007 à 01 de janeiro de 2011

esculhambar, não. Era um momento bem sério mesmo e por isso a organização foi a maior possível. Teve também um momento conturbado, que alguns estudantes da direita da UFRGS que estavam organizados no MEL, que era o Movimento Estudantil Liberdade, até teve alguns casos de fascismo naquela época na UFRGS. E esse grupo político de direita da UFRGS arrancou as faixas, agrediu alguns colegas, isso foi durante a madrugada, teve um atrito em relação aos estudantes que eram contrários àquele movimento que nós estávamos fazendo e entendiam aquilo ali como uma bagunça. “Ah, são os bagunceiros, é a esquerdalha” como eles chamavam e, enfim, foram coisas que aconteceram. E no outro dia houve reuniões com a Reitoria e sempre tinha alguém do Diretório Acadêmico da ESEF porque já fazia parte do DCE também, tinha uma importância política no DCE e faziam parte dessas reuniões. Com as sinalizações da Reitoria mais concretas, se pôde fazer uma assembléia onde se decidiu pela desocupação da Reitoria, então, na verdade a ocupação durou dois dias. E nesses dois dias a gente conseguiu algumas questões bem importantes: uma delas foi a abertura do processo de licitação pra construção do RU da ESEF. Nesse meio tempo teve alguns percalços no caminho, mas aquele momento foi decisivo pra que se abrisse a licitação e enfim pudesse sair do papel a idéia e colocar na prática a construção do RU da ESEF.

C.J. – Esse grupo que tu citaste que era contrário à ocupação, tinha alguma pauta específica que eles eram contrários?

G.B. – Eles eram um grupo organizado da direita, então, eles tinham práticas e idéias bem claras da direita. Como eu te falei antes, eles achavam que a assistência estudantil não era necessária. Muitos defendiam até a privatização do RU, porque entendiam que o RU dava prejuízo pra UFRGS e dando prejuízo não servia. Deveria então ser privatizado, que se cobrasse um valor maior e eles defendiam o empreendedorismo, a colocação de parcerias público-privadas dentro do diretório central de estudantes. Eles tinham posições bem claras de um grupo de direita, mas era uma direita bem extremista, eram relações bem complicadas. E eles faziam muitos movimentos pela *internet*, até na comunidade da UFRGS sempre tinha discussões com eles. Tinha um cara lá que estava sempre provocando discussão e criando algumas questões. Eles se posicionaram claramente contra as cotas na universidade, que também era uma pauta da ocupação, a discussão de ações afirmativas para ingresso no vestibular que, inclusive, acabou sendo consolidada naquele

ano e já no outro vestibular já havia as cotas. Enfim, esse grupo ele tinha posições que eram completamente antagônicas com o que a gente ali defendia. Entender a universidade como caráter público de qualidade e entendendo a assistência estudantil como parte dela.

C.J. – Depois da ocupação e da abertura da licitação o que aconteceu com a campanha?

G.B. – A campanha tentou se manter porque não tinha nada decidido ainda. Eu lembro que depois da ocupação ainda tiveram alguns atos em alguns momentos, não me lembro exatamente como, mas eu me lembro de terem existido atos pra manter a pressão constante na Reitoria porque, na verdade, ocorreu a licitação, algumas coisas atrasaram, a construção atrasou um pouco, o processo de implementação do RU de fato estava se arrastando por mais tempo do que a gente previa, do que a própria Reitoria havia previsto. Foi uma necessidade de manter a campanha constante até que, de fato, pudesse ser inaugurado o RU e pudesse ter aquele direito garantido. Depois desse processo da ocupação, acho que o importante da campanha foi manter acesa essa cobrança, essa pressão em cima da Reitoria por isso. Porque se não tivesse a pressão, com certeza eles demorariam mais tempo do que acabou demorando.

C.J. – E como foi a reação dos estudantes e do Diretório Acadêmico frente aos diversos prazos que não foram cumpridos.

G.B. – É, como eu te falei, os prazos não estavam sendo cumpridos, e pelo fato de não estarem sendo cumpridos exigiram uma necessidade de mobilização constante por parte do Diretório e por parte dos estudantes. Tanto que nós continuamos colando cartazes, tinha uma placa lá dizendo: “Aqui construção do RU da ESEF”, e a gente encheu a placa de adesivos da campanha RU na ESEF já. A gente mandou fazer mais camisetas, continuou colando adesivos, continuamos divulgando a campanha, (a mantivemos em todos os espaços possíveis), nos atos junto ao DCE e que não tinha lá o discurso da campanha, e sempre fazendo pressão na Reitoria, na SAE²⁶, sempre tentando colocar pra eles que tinha que ser feito o mais breve possível. Porque já estava se arrastando, estavam cada vez mais atrasando os prazos e dizendo: “bom, não vai poder ser agora, vai ter que ser tal dia”, e a pressão foi sempre constante em relação a isso.

²⁶ Serviço de Assistência Estudantil

C.J. – Teve alguma ação específica?

G.B. – Específico em relação a isso eu não me lembro. Lembro-me de ter vários atos que aconteceram.

C.J. – A visita do Reitor no dia 3 de novembro teve alguma ação que foi feita?

G.B. – A princípio era essa data de inauguração, não me lembro exatamente. Aquele processo eu já estava acabando o curso, então, eu participei mais ativamente em 2006 e 2007 e em 2008, que foi no último semestre que eu estava ali no final do ano quando eu já era formando e já estava quase me despedindo da ESEF é que houve a inauguração do RU da ESEF. Existia um prazo e eu lembro que o prazo também não foi cumprido e que se colocou a necessidade de que o prazo fosse cumprido. Os prazos estavam cada vez mais sendo protelados, mas eu não me recordo porque naquele momento eu já estava no final do curso e não estava participando ativamente da mobilização dos estudantes. Mas eu estava sempre à disposição e podendo colocar minhas idéias e participando de ato quando pudesse.

C.J. – Como foi a inauguração do RU?

G.B. – A inauguração do RU - não lembro exatamente o dia agora - mas eu sei que foi em novembro de 2008 e, enfim, a gente mobilizou a maioria dos estudantes para irem na inauguração. A gente divulgou na ESEF inteira, na UFRGS, fomos com instrumentos musicais, camiseta e cartazes da campanha. Os estudantes fizeram uma fala, nós fizemos uma placa pra dizer que aquele Restaurante Universitário tinha sido conquistado pela luta dos estudantes. E foi isso, nós conseguimos fazer com que todo mundo almoçasse de graça no primeiro almoço, porque era uma vitória, por todo aquele período de campanha ter acontecido, depois de tanto tempo os estudantes finalmente poderem comer por um e trinta, ter a sua assistência estudantil garantida. Foi muito gratificante pra todos nós, foi emocionante mesmo poder ver aquele restaurante enfim construído depois de um grande período de luta, de uma mobilização, de enfrentamentos. E foi ali que se consolidou o primeiro passo de uma luta maior de assistência estudantil que se deu na ESEF. Depois

teve a continuidade com a questão da campanha de ter jantar, porque começaram a ter cursos noturnos, mas ali naquele momento a inauguração foi a grande vitória.

C.J. – Como tu vêes o impacto do resultado da campanha nos estudantes da ESEF e na comunidade esefiana como um todo?

G.B. – Acho que duas coisas. Primeiro, entender a importância política do que foi essa campanha do RU e a construção dele. Nós mostramos que tinha demanda, que tinha necessidade e que a necessidade não era só uma questão de poder pagar menos, mas uma questão de assegurar a assistência estudantil que é um direito do estudante de universidade pública. Ou seja, na verdade a construção do RU é a materialização de uma luta maior que é a luta pela universidade pública. Eu acho que é isso que de certa forma nós conseguimos consolidar, mostrar que a universidade tem que ser pública, de que ela tem que ser gratuita e tem que garantir essa assistência pros estudantes. E nós vemos que bastante gente almoça ali, que os estudantes estão tendo aquele direito, que os servidores estão tendo, até os próprios professores que diziam que o RU nunca iria sair, almoçam lá diariamente. Por mais contraditório que seja, estão num direito deles de estarem ali. O impacto é de mostrar para os estudantes que com a mobilização a gente pode conquistar. Claro que tem muitas coisas que são maiores que a construção do RU, tem muitas lutas que os estudantes travam com a Reitoria, com os governos. Lutas mais amplas, que parecem mais difíceis de serem alcançadas, mas acho que a construção do RU e a vitoriosa campanha que foi o RU na ESEF mostraram que com organização, com mobilização e com luta organizada realmente se pode conquistar várias coisas. E aquilo ali, creio que é a prova viva e concreta de que a organização dos estudantes faz diferença sim.

C.J. – Qual o acúmulo que ficou para o Diretório Acadêmico de Educação Física de toda a campanha?

G.B. – Acho que ficou um acúmulo muito bom. A gente teve que estudar na época várias questões, questões de assistência estudantil, de universidade pública. A gente teve que dialogar com a Reitoria, fazer enfrentamento, com atos é claro, mas tinha que se sentar e falar em reunião. Foi um grande aprendizado político para o Diretório Acadêmico, entender o movimento não como a luta por si só, até porque não faria sentido fazer as

coisas por si só. “Agora que a gente conseguiu o RU, as coisas estão boas”, não é isso. O RU é uma das pautas que faz parte de uma pauta de assistência estudantil que representa uma idéia de defesa da universidade pública. Essa é a pauta mais ampla, mas que acabou servindo pra estimular esse acúmulo de debate político sobre a defesa de universidade publica. E quando a gente vai defender o que é universidade publica a gente tem que entender o que é universidade, qual é o contexto que a gente está inserido, o contexto capitalista que a gente está inserido pra poder entender como se organiza a universidade aqui, acho que pra tudo isso precisa acumular e esse foi o grande acúmulo, tanto teórico pra poder aprofundar essas coisas, quanto prático de mobilização mesmo dos estudantes.

C.J. – Tem mais algum ponto referente ao tema que tu gostarias de fala ou citar?

G.B. – Acho que eu já falei, bastante!

C.J. – Então, concluí a entrevista.

[FINAL DO DEPOIMENTO]